

4ª PARTE

PROSA DE FICÇÃO

Benedita Simon

José Murilo Martins

A revista *Seleções do Reader's Digest* foi lançada em Fortaleza, no início da década de quarenta, em pleno período da Segunda Guerra Mundial. Trazia reportagens variadas, curiosos ensaios, resumo de livros recém-lançados, crônicas bem urdidas, vasto noticiário de guerra, inteligentes críticas sobre a economia dos Estados Unidos e um gostoso anedotário. Entre as inúmeras seções, havia uma intitulada: *Meu tipo inesquecível*, na qual os autores descreviam dados curiosos de personalidades do cotidiano que mereciam ser ressaltados.

No exercício de sua profissão, um médico geralmente se lembra do seu primeiro cliente, do caso mais raro que viu ou do diagnóstico mais difícil que realizou. Adicionaria a esses tipos *O meu doente inesquecível*, homenageando aquele que, por motivos vários, ficou guardado na memória e no coração de seu médico. Minha doente inesquecível chamava-se Benedita Simon!

Estava no quinto ano de Medicina e trabalhava como interno no ambulatório de cardiologia da 5ª cadeira de Clínica Médica, serviço do professor Luiz Capriglioni. Como era grande o número de pacientes sofrendo do coração que procurava diariamente aquele ambulatório, em geral, começávamos a atender primeiro os mais graves. Foi numa manhã fria de maio de 1952 que vi, pela primeira vez, Benedita Simon.

Tratava-se de uma paciente de 51 anos de idade, negra, que se queixava de falta de ar, tremores finos nos dedos das mãos, grande emagrecimento e um caroço no pescoço. Após examinar a paciente, foi feito o diagnóstico de bócio nodular tóxico, complicado com fibrilação auricular e insuficiência cardíaca. Foi providenciada imediatamente a sua internação hospitalar.

Tratada com drogas antitireoidianas, digital e quinidina, teve uma resposta clínica excelente e, em pouco tempo, dizia que estava “pronta para outra” e queria ter alta para poder cuidar da vida.

Benedita Simon nascera no morro da Mangueira, onde morava na companhia de três filhos: Joseph, Anthony e Junior. Era viúva, seu esposo John Simon, súdito de Sua Majestade, o rei da Inglaterra, num arroubo do coração, pedira baixa da Marinha Real Britânica, para viver na tranquilidade da Mangueira, com sua jovem esposa Benedita.

Naquele tempo, a Mangueira já era famosa. “Debaixo daquela jaqueira, que fica lá no alto majestosa” era uma canção conhecida de todos, onde os bambas, com um lenço amarrado no pescoço, faziam valentias e tiravam sambas de harmonia. Benedita dizia que nunca fora pastora, pois se casara cedo e tivera que ajudar o esposo no cuidado dos três filhos.

Pelo que pude constatar, o ambiente pobre e, às vezes, hostil do morro não interferiu na educação dos três meninos que tinham os nomes “atravessados” que viviam naquelas paragens. Durante a internação, eles a visitavam diariamente e mostravam-se dedicados à mãe.

Na ocasião da alta, aconteceu o inusitado: Benedita, sentindo-se curada e necessitando trabalhar para melhor cuidar de seus males, ofereceu-me seus préstimos para ser minha empregada. Ela tinha outro emprego de doméstica na parte da manhã e, como o trabalho não era pesado, poderia facilmente trabalhar para mim, por um preço razoável, no período da tarde. Dizia eufórica:

– Dessa maneira, meu médico poderá tomar melhor conta de mim!

Era muito luxo para um estudante, mas a solução foi ideal. Meu apartamento ficou um brinco, e Benedita, sob meus cuidados, permaneceu em completa remissão de seus padecimentos por muito tempo. Qualquer sintoma que apresentava fora do comum para o discernimento de um estudante de medicina, eu a levava imediatamente para o hospital para ser avaliada pelo meu chefe.

Em várias oportunidades, recomendei que fosse operada para a remoção do nódulo da tireoide, mas, temerosa de uma fatalidade, ela recusava sistematicamente a retirada do caroço.

Benedita, como ela mesma havia dito, não fora pastora, mas conhecia de perto muitos bambas e a boemia. Como, naquela época, os estudantes de medicina atendiam chamados no morro, procurei saber como era a vida em uma favela. Conversando com ela, aprendi muitas coisas daquele vasto mundo, as canções, suas disputas, Mangueira, Estácio, Vila Izabel e músicas de Noel Rosa, que um dia foi estudante da ciência de Hipócrates.

Formei-me em medicina, na manhã festiva de 14 de dezembro de 1953, e, pouco depois, segui para Chicago, para fazer meu internato rotatório. Antes de viajar, não me esqueci de alertar à Benedita que a doença dela era séria e que necessitava continuar o tratamento especializado nos serviços de endocrinologia e cardiologia do Hospital Moncorvo Filho. Podia falar no meu nome, pois ainda tinha amigos por lá.

O mundo gira sem cessar. Um ano após, voltei ao Rio e lembrei-me de procurar a minha cliente do tempo de estudante. Encontrei-me com ela domingo, no centro da cidade, no Passeio Público.

Foi um prazer muito grande rever minha antiga cliente, e logo notei uma grande diferença da última vez que a vira: estava magra, visivelmente pálida, olhos esbugalhados, um tremor fino nos dedos da mão.

– Benedita – disse logo – você abandonou o tratamento? Deixe-me ver o pulso.

Após contá-lo e examinar as conjuntivas, conclui incisivo:

– Sua doença voltou. O pulso está rápido e irregular, fibrilação. Você tem ido ao hospital? Visto o médico? Tomado os remédios?

Benedita baixou a cabeça e, como um “réu-confesso”, disse:

– Meu doutor, fui somente uma vez. Me atenderam mal, tinha que voltar no fim do mês, para pegar a fila. Acabei não voltando...

Benedita virou-se para mim, deixou cair os braços e disse:

– Fui mal acostumada, doutor. Tive por dois anos um médico

em casa, não faltava nada. Até quando não tinha remédio, o senhor conseguia "amostra grátis". Hoje não tem doutor que se interesse por meu caso...

O tempo passou rápido, e, antes de me despedir, insisti que ela deveria voltar, sem perda de tempo, ao hospital, pois a doença poderia se agravar.

Já era tarde quando ela se afastou lentamente em direção à Lapa. Ainda vislumbrava ao longe sua silhueta quando meti a mão no bolso e encontrei uma cédula de cinquenta dólares, remanescente de minha viagem à América. Foi quando me lembrei de que não havia dado dinheiro a ela. Ainda a procurei, sem sucesso, no meio da multidão, para poder retificar o que considerava ser uma grande falta. Não a vi mais.

Relembrando o passado ainda hoje, lamento não ter dado à Benedita aquela ajuda. Eu não era mais um estudante duro, sem dinheiro. E ela precisava tanto!